

POR UMA “ECCLESIA COMMUNIO”: CONTRIBUIÇÕES DA ECLESIOLOGIA BARTHIANA PARA UMA IGREJA COMUNIONAL E PARTICIPATIVA

Marcio Cappelli

Mestre em Teologia

Professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro

“A igreja é uma comunidade, isto é, é uma assembleia ou um lugar onde todos que pertencem a ela, tem um interesse em comum, pelo qual eles são confinados juntos em uma unidade.”

(Karl Barth)

1. Introdução

Diante de um mundo fragmentado que propõe cada vez mais o isolamento, que priva as pessoas da verdadeira humanização experimentada nos relacionamentos fraternos profundos, se faz necessário o resgate da igreja como comunidade de irmãos e irmãs. Igreja que se baseia na premissa de que Deus é comunhão e que quer homens e mulheres unidos como forma de corresponder ao seu amor.

Dito de outra maneira, urge o chamado para ser igreja, que não é qualquer chamado, mas é, antes de tudo, um chamado a viver a experiência da comunhão em Jesus Cristo por intermédio do Espírito. Assim, pode-se dizer que a igreja é convocada a ser *Communio*.

O presente trabalho pretende visualizar de maneira breve na eclesiologia de Barth contribuições para uma igreja que seja mais comunional e participativa. Barth é sem dúvida um teólogo de grande envergadura, cuja contribuição se torna, indispensável, para pensar a teologia do século XX e seus desdobramentos no século XXI. Seu pensamento é, ainda hoje, uma fonte que marca a referência da teologia contemporânea, da qual muitos buscam inspiração e ponto de partida.

2. Nota biográfica¹

O que se propõe então neste ponto é uma leitura de aspectos biográficos que apontem para os assuntos a serem discutidos, de modo a formar um pano de fundo sólido para a discussão de sua eclesiologia e suas contribuições para hoje.

2.1. A formação acadêmica

Karl Barth nasceu na cidade de Basiléia, Suíça, em 10 de maio de 1886. Filho de pais protestantes, foi educado na Igreja Reformada. Seu pai, Friedrich (Fritz) Barth, era professor de teologia do Novo Testamento numa universidade para pregadores (espécie de seminário) e identificava-se com um grupo relativamente conservador dentro da igreja reformada. Em 1889, Fritz recebeu convite para lecionar na Universidade de Berna, onde mais tarde seu filho iniciaria sua caminhada teológica.

Barth começou seus estudos teológicos com a idade de 15 anos. Depois seguiu para Berlim onde tomou aulas de Antigo Testamento com Hermann Gunkel², se tornando posteriormente aluno de Adolf Von Harnack³.

Mas, além desses professores, renomados teólogos do liberalismo teológico, que ele viria a combater, havia ainda Adolf Schlatter⁴ e Wilhelm Herrmann⁵, o seu mais estimado professor em Marburgo. Desses todos, apenas Schlatter era um dos poucos que procurava minimizar o triunfalismo da crítica histórica, buscando demonstrar a

¹ Para uma biografia mais completa de K. Barth: Cf. SANTANA FILHO, M. B. *Palavra de Deus e ação profética na teologia de Karl Barth: a renovação da Igreja a partir de sua vocação para o serviço à comunidade*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.; Cf. RIBEIRO, C. *A provisoriedade da igreja: Uma contribuição da eclesiologia de Karl Barth ao protestantismo brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.; Cf. GRENZ, S. J., OLSON, R. E. *A teologia do século 20. Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Cultura Cristã: 2003.; Cf. MONDIN, Battista. *Os grandes Teólogos do Século XX*. São Paulo: Teológica, 2003.

² Herman Gunkel (1862-1932) era um dos representantes mais radicais da crítica histórica bíblica. Sua metodologia fundava-se no princípio de que não se pode compreender um pensamento sem compreender sua pré-história. Por isso explicava o Antigo Testamento inserindo-o nas mitologias antigas do Oriente Médio. Cf. MONDIN, B. *Os grandes Teólogos do Século XX*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 149.

³ “Harnack foi talvez o mais brilhante e popular defensor da teologia liberal protestante na virada do século. Foi professor de história da Igreja na Universidade de Berlim até aposentar-se em 1921. Suas palestras atraíram centenas de alunos e seus escritos eram grandemente aclamados no mundo acadêmico.” GRENZ, S. J., OLSON, R. E. *A teologia do século 20*. p. 68.

⁴ Adolf Schlatter nasceu em St. Gallen, Suíça, mas ensinou, sobretudo na Alemanha. Foi o principal expoente da escola do realismo bíblico. Denunciou o esgotamento da teologia sob o criticismo histórico, pelo criticismo bíblico. No final do século XIX protestou veementemente contra essa situação: o texto merece mais atenção que a crítica. Era um erudito de primeira linha. Sabia de cor tanto Goethe como a Bíblia. SANTANA FILHO, M. B. *Palavra de Deus e ação profética na teologia de Karl Barth*. p. 41.

⁵ “Herrmann foi o fundador da Escola Ritschliana. O que mais atraiu Herrmann para a obra de Ritschl foi a insistência sobre a independência da religião em relação à ciência natural e a filosofia. Em seus ensaios mais antigos empenhou-se por distinguir fé e conhecimento e se opôs a toda tentativa de fundar a primeira sobre a última.” Ibidem. p. 42.

autonomia dos conceitos bíblicos tanto em relação aos conceitos gregos quanto aos orientais. Além disso, vale ressaltar que a geração de Barth foi grandemente influenciada pela teologia de Schleiermacher⁶ e Ritschl⁷.

2.2. O trabalho pastoral

Em 1908 Barth foi ordenado ministro da Igreja Reformada e assumiu um cargo de pastor assistente em Genebra, onde ficou por dois anos. Nessa época tinha sua mente assentada sobre os pressupostos do liberalismo teológico do século XIX, em função da influência de seus mestres. Contudo, Barth foi marcado também por um profundo senso de pietismo e pela preocupação com a experiência cristã prática.

Então, em 1911, recebeu o convite para pastorear em Safenwill, uma pequena cidade agrícola e industrial na região da Suíça com forte influência alemã, no meio do caminho entre Berna e Zurique. Foi durante este pastorado que ele começou a ter uma série de crises que não somente o levaram a ter seu pensamento completamente mudado, mas que também mudariam o curso da teologia no século XX.

Segundo Ribeiro, duas descobertas foram decisivas, nesse período, que marcaram sua produção teológica posterior. A primeira foi sobre o poder da palavra de Deus como força de aproximação com o ser humano e como crítica a secularização do cristianismo. A outra foi sobre o ilimitado amor e compaixão de Deus, que, não obstante a infinita distância em relação aos destinatários, os alcança e os reconcilia com ele.⁸

Não foi por acaso, mas justamente a partir das exigências do trabalho pastoral que essas descobertas se tornaram possíveis. A primeira dessas exigências que desafiou o teólogo foi a tarefa da pregação, pois a tradição reformada valoriza intensamente essa atividade. Dessa forma, Barth se viu responsável como pregador da palavra de Deus, diante das expectativas de seus paroquianos e se tornou plenamente consciente da inadequação do liberalismo frente a essa realidade. Isto levou-o a refletir sobre a Igreja e sua mensagem. Dizia que, “se a Igreja for Igreja o mundo notará que a Igreja existe.”

⁶ Schleiermacher buscou redirecionar completamente a teologia ao considerá-la a reflexão humana da experiência humana de Deus. A verdadeira fonte da reflexão teológica deixava de ser o conjunto de proposições autoritárias e passava a ser a experiência religiosa. Ficou conhecido como grande pregador da cristandade além de ter sido um dos grandes intelectuais da Alemanha da primeira metade do século XIX, sendo um dos fundadores da Universidade de Berlim e traduzido as obras de Platão para o alemão. Cf. GRENZ, S. J., OLSON, R. E. *A teologia do século 20*. p. 44.

⁷ “Albrecht Benjamin Ritschl (1822-1889), nasceu em Berlim e foi para as universidades de Bonn, Halle, Berlim, Heidelberg e Tübingen. Ritschl foi um historiador da Igreja e do dogma antes de se tornar um teólogo dogmático, por isso, a pergunta histórica era o centro de sua preocupação.” SANTANA FILHO, M. B. *Palavra de Deus e ação profética na teologia de Karl Barth*. p. 42.

⁸ Cf. RIBEIRO, C. *A provisoriedade da igreja*. p. 67.

Percebeu que a teologia nada significa se o teólogo não souber responder às questões vivas da comunidade onde tem que pregar. Conforme destaca Emílio Castro no prólogo do livro de Barth traduzido para o espanhol sob o título de *Comunidad civil y comunidad Cristiana*, a sua teologia se desenvolve a partir das perguntas angustiantes que todo pastor tem em mente aos sábados à noite: “o que pregar no domingo pela manhã? Tenho algo a dizer às pessoas que vivem com fome de uma palavra de Deus?”⁹

A partir disso, o teólogo suíço buscou aprofundar-se no estudo da Bíblia procurando uma mensagem central que pudesse se identificar com a palavra de Deus para os seres humanos. Como assinala o próprio Barth:

A pregação é a palavra de Deus pronunciada por ele mesmo. Deus utiliza, como lhe apraz, o serviço de um homem que fala em Seu nome a seus contemporâneos por meio de um texto bíblico. Este homem obedece assim, à vocação que recebeu na igreja e, por seu ministério, a igreja realiza a missão que lhe corresponde.¹⁰

Todavia, além da experiência relacionada a tarefa da pregação, a outra experiência marcante na vida pastoral de Barth foi a sua proximidade com os operários e agricultores do local. Em Safenwill associou-se as atividades sociais e políticas de seus paroquianos.

2.3. Docência e participação política

Em 1921, Barth deixou sua paróquia em Safenwill para lecionar teologia dogmática na Universidade de Goettingen, transferindo-se assim para Alemanha onde se destacou por sua atividade docente. Em 1925 e 1930 respectivamente foi designado para as cadeiras em Munster e Bonn.

Em todo esse período aprofundou a originalidade de seu pensamento com a produção de inúmeros artigos e livros onde realçava o senhorio de Cristo acima de quaisquer pretensões humanas e a supremacia da palavra de Deus como critério da vida cristã.

Assim como ressalta Ribeiro, essa perspectiva não teria outro destino a não ser o enfrentamento com as concepções totalitárias que se fortaleciam na época em especial na Alemanha com a ascensão do nazismo.¹¹ Anteriormente em agosto de 1914 Barth já havia se manifestado fortemente contra uma publicação de noventa e três intelectuais

⁹CASTRO, E. *Prólogo*. In: BARTH, K. *Comunidad civil y comunidad cristiana*. Montevideo: Ediciones Tauro S. R. L., 1967. p. 11.

¹⁰ BARTH, K. *A proclamação do evangelho*. São Paulo: Novo Século, 2003. p. 15.

¹¹ Cf. RIBEIRO, C. *A provisoriedade da igreja*. p. 68.

alemães, dentre os quais figuravam quase todos os seus professores, que apoiavam a política de guerra do imperador.¹²

Cada vez mais o regime nazista se fortalecia com o apoio dos segmentos cristãos da sociedade alemã, entretanto, uma fortíssima oposição da qual Barth fazia parte também angariava adeptos.

Barth participou da Igreja Confessante, movimento que se notabilizou na luta contra o nazismo. Ele foi o redator do primeiro esboço da famosa confissão de fé de Barmen¹³ (31 de maio de 1934) e possibilitou uma reflexão teológica para aquele momento de dificuldades políticas e eclesiásticas. Barth declara, no Artigo 1º de tal confissão, que Jesus Cristo é o Único e Verdadeiro Senhor da Igreja e que não há nenhum outro caminho pelo qual a pessoa seja declarada justa¹⁴. No Artigo 4º lembra que o Sacerdócio Universal de todos os crentes é contrário à criação do *Führerprinzip*.¹⁵

Barth foi expulso da Alemanha em 1935, retornou a Suíça sua terra natal e passou a lecionar em Basileia onde aprofundou seus estudos sistemáticos dedicando-se a elaboração de sua principal obra, a saber, *Dogmática da Igreja*, além de escritos sobre fé e política.

Vale ressaltar também que o teólogo suíço em questão participou ativamente do movimento ecumênico, sendo o preletor da primeira assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (Amsterdã, 1948). Além de ter sido um dos protestantes convidados como observadores do Concílio Vaticano II.¹⁶

Barth Faleceu em 10 de dezembro de 1968 deixando mulher e quatro filhos.

¹² Cf. GRENZ, S. J., OLSON, R. E. *A teologia do século 20*. p. 77.

¹³ A Declaração Teológica de Barmen (tb. chamada de Confissão de Fé de Barmen) tem, em seu texto completo, 17 teses divididas em cinco capítulos e seus comentários. Apareceu em francês em *Textes Symboliques* (Genebra, 1960), publicação da série de “Cadernos de Documentação da Igreja Reformada Ecumênica Confessional”. O texto alemão, que apareceu em *Gottes Wille und Unsere Wünsche*, (A Vontade de Deus e o Nosso Desejo) trata apenas das teses sem os comentários. O texto da Declaração foi oficialmente elaborado por Barth, Thomas Breit e Hans Asmussen. Barth representando a Igreja Reformada e os outros dois, a Igreja Luterana. Cf. CORNU, D. *Karl Barth: Teólogo da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. p. 39-47.

¹⁴ A Confissão de Barmen foi consultada na versão em espanhol: Cf. BARTH, K. *Comunidad civil y comunidad cristiana*. Montevideo: Ediciones Tauro S. R. L., 1967. p. 93-94.

¹⁵ *Führerprinzip* era o princípio da Autoridade sobre o qual se baseava o nacional socialismo. Um Povo (*Volk*); Um Reino (*Reich*); um Líder (*Führer*), e dentro da igreja evangélica alemã se configurou como uma tentativa de fazer que a Igreja copiasse o Estado, instituindo um bispo com poderes absolutos. Cf. SANTANA FILHO, M. B. *Palavra de Deus e ação profética na teologia de Karl Barth*. p. 41.

¹⁶ Cf. *Ibidem*. p. 133. Além disso, dialogava com teólogos católicos como Balthasar a quem chamava de “perspicaz amigo da outra margem”.

3. Evolução do pensamento barthiano

Em relação ao pensamento ao pensamento do teólogo, não nos encontramos diante de um Barth, mas de três: o Barth pré-dialético; o Barth dialético e o Barth da analogia da fé. Ricardo Quadros Gouvêa, na apresentação do livro *Fé em Busca de Compreensão*¹⁷, apresenta três fases com as seguintes datas, para as mudanças de rumo na teologia de Karl Barth: Primeiro a fase liberal-socialista (1904-1914); a segunda, a dialética-existencialista, (1917-1927); a terceira fase, a *analogia fidei*, começa com a publicação do *Fides Quaerens Intellectum*¹⁸, a partir de 1930.

Na evolução de seu pensamento Karl Barth superou a tentativa de identificação da teologia com a filosofia, que marcava a teologia liberal protestante. Esse esforço de opor diametralmente esses dois saberes possibilitou o desenvolvimento do método dialético, o qual marcou o teólogo em seus escritos iniciais, e que tinha como sua principal característica a ênfase na transcendência de Deus em relação ao mundo e a soberania da sua revelação.¹⁹

Contudo, mesmo depois de se constatar que ele minimiza a influência dessa polarização sobre a teologia que desenvolve a partir de 1930, não se pode dizer que Barth tenha abandonado completamente as categorias do método dialético.

De certa forma, ele apenas considera que poderá expressar mais adequadamente sua teologia por meio da analogia da fé (*analogia fidei*). Afinal, a infinita distância qualitativa entre Deus e o homem torna a encarnação impossível e a linguagem analógica busca estabelecer comparação entre Deus e o homem.

Além disso, sua teologia se desenvolve a partir da ênfase na Palavra de Deus e suas três formas, a saber: Jesus Cristo, as Escrituras e a pregação.

Contudo, como destaca Santana Filho:

A teologia de Karl Barth se caracteriza por seu aspecto prático. Sua preocupação era tornar a teologia a atmosfera na qual a Igreja respira e vive. Ela é uma disciplina prática por meio da qual a Igreja vive sua experiência de servir ao seu Senhor. Não é sem razão que Hans Küng (1928-) afirma que não se pode falar de Barth como de qualquer outro teólogo-filósofo clássico, como Hegel, Schleiermacher, Kierkegaard ou Harnack. Isto porque Barth não deixou simplesmente um legado acadêmico; ele contribuiu para transformar a teologia numa base de sustentação para a Igreja ao mesmo tempo em que cabe a ela estabelecer o caminho sólido para o avanço da compreensão da Revelação.²⁰

¹⁷ Cf. BARTH, K. *Fé em Busca de Compreensão*. São Paulo: Novo Século, 2000.

¹⁸ Em 1930 Barth apresentou um seminário sobre o método teológico de Anselmo.

¹⁹ Cf. RIBEIRO, C. *A provisoriidade da igreja*. p. 70.

²⁰ SANTANA FILHO, M. B. *Palavra de Deus e ação profética na teologia de Karl Barth*. p. 64.

4. A eclesiologia de Karl Barth

4.1. Evolução da eclesiologia barthiana

Da mesma forma que ocorreu com sua produção teológica, a visão eclesiológica de Barth também sofreu alterações ao longo de sua vida. Assim, é possível destacar três momentos eclesiológicos distintos.

O primeiro deles marcado pela forte reação barthiana ao liberalismo apresenta uma completa distinção entre o evangelho e a igreja, a negatividade da comunidade humana em contraposição a graça de Deus. Dito de outra maneira, a igreja é nesse primeiro momento identificada com as realizações humanas em oposição a transcendência de Deus.²¹

Já no segundo momento de seu pensamento, embora ainda apresente uma infinita distinção qualitativa entre Deus e o ser humano, Barth insiste mais em seu significado positivo. Ou seja, a ênfase na Palavra de Deus não realça a incapacidade do ser humano, mas a livre graça de Deus que o alcança. A igreja é assim o relacionamento entre Deus e o ser humano estabelecido pela livre e soberana graça de Deus.²²

Embora a eclesiologia de Barth se destaque sempre pelo acento na ação de Deus e na impossibilidade dos esforços humanos para atingi-lo, no seu terceiro e definitivo momento ocorre uma mediação conferida pelo método da analogia. Portanto, Barth chega a conclusão que é na fé em Cristo, como dom oferecido por Deus que os seres humanos podem conhecer a igreja e nela tomarem parte.

4. 2. A comunidade cristã (igreja) na concepção barthiana

Antes de qualquer coisa cabe aqui ressaltar que algumas vezes Barth utiliza o termo comunidade, o que favorece uma visão menos institucionalizada, conforme ele mesmo ressalta:

A utilização do termo comunidade pretende chamar a atenção para o fato de que na Igreja não apenas e nem em primeiro lugar tem a ver com instituições e ministérios, mas com pessoas que

²¹ Cf. RIBEIRO, C. *A provisoriedade da igreja*. p. 77.

²² Cf. *Ibidem*. p. 78.

estão reunidas numa entidade comum, no desempenho e a serviço de tarefas que elas tem em comum.²³

Deve-se destacar que, para ele, essa comunidade cristã (igreja) é o conjunto de pessoas que têm sido chamadas por Jesus Cristo e se reúnem como cristãos por causa de seu conhecimento e pela vocação que receberam para confessar seu nome.

Trata-se de um novo modo de ser, de uma nova visão da vida que surge da escuta da Palavra de Deus. Para a comunidade encontrar-se consigo mesma e agir na mesma linha de Jesus Cristo e seus apóstolos há somente uma atitude, a saber: a obediência à Palavra de Deus.

Todavia, o sentido e propósito dessa comunidade é levar uma forma de vida comum criada pelo Espírito Santo.²⁴ Nesse sentido, a igreja é a comunidade daqueles que sob ação do Espírito, Jesus Cristo tem tornado dispostos e prontos para viver a plenitude da vida.

Com isso, Barth reafirma o caráter histórico da igreja, pois para ele, o agir da igreja é o seu próprio ser. A comunidade acontece na livre graça de Deus manifestada em Cristo e mantida pelo Espírito Santo sempre na história. Em outras palavras ela se realiza quando Deus permite que homens e mulheres vivam como seus servos, filhos, amigos e testemunhas da sua reconciliação com o mundo tal qual aconteceu em Jesus Cristo na força do Espírito Santo. Quando os seres humanos podem reconhecer o senhorio de Deus através do recebimento da verdade da ressurreição de Cristo por obra do Espírito, e reunir-se entre si, aí acontece a igreja.²⁵

Daí se conclui que a comunidade cristã não existe abstratamente e sim de uma forma muito concreta como os demais fenômenos históricos. Para Barth não se pode fazer parte da comunidade cristã sem que se participe ativamente de sua atividade, construção e missão, e isso implica certa imperfeição, afinal, todos os seres humanos são limitados. Assim, a igreja não é teorismo e tampouco abstrata.²⁶

Essa concepção de igreja como acontecimento, como comunidade de pessoas chamadas por Cristo e capacitadas pelo Espírito reacende a questão sobre quem é a igreja e sobre a legitimidade de participação de cada um na vida comunitária. Quanto a

²³ BARTH, K. *Dádiva e Louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 289. Ainda com relação ao uso do termo comunidade: “A igreja é uma comunidade, isto é, é uma assembléia ou um lugar onde todos que pertencem a ela, tem um interesse em comum, pelo qual eles são confinados juntos em uma unidade.” Idem. *Credo: comentários ao credo apostólico*. São Paulo: Novo Século, 2003. p. 137.

²⁴Cf. Idem. *Comunidad civil y comunidad cristiana*. Montevideo: Ediciones Tauro S. R. L., 1967. p. 30.

²⁵ Cf. RIBEIRO, C. *A provisoriedade da igreja*. p. 82.

²⁶ Cf. BARTH, K. *Esboço de uma dogmática*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. p. 208-209

isso, conforme destaca Ribeiro, a contribuição barthiana se expressa através da seguinte pergunta: Se um cristão que vive sua fé na comunidade, pessoalmente, considera-se verdadeiro não por méritos humanos, mas no chamado que o Senhor fez a ele por que isso deveria ser diferente para outro cristão?²⁷

Ainda sobre isso afirma Mondin:

A igreja não é uma instituição, mas um evento, cuja a única razão de ser é o decreto divino que decidiu segregar-lhe um povo e confiar-lhe a obrigação de viver uma vida comum no Espírito, em obediência a palavra de Deus em Jesus Cristo na fé, na esperança, na caridade e no serviço, modelado no exemplo de Jesus Cristo, para com Deus e para com o próximo. Esta concepção de Igreja como evento da vida cristã, como serviço segundo Barth é incompatível com a estrutura hierárquica e sacramental que a Igreja assumiu no catolicismo. Aqui o evento desaparece para dar lugar a tradição, com todas as suas correntes de transmissão e seus organismos de conservação.²⁸

Entretanto, as igrejas protestantes também tornaram as relações verticais, autoritárias e impositivas.

Talvez um dos maiores desafios do cristianismo na contemporaneidade marcada por tantos pluralismos, seja a recuperação da igreja como fraternidade. Porque é enquanto comunidade de irmãos e irmãs que a igreja consegue corresponder tarefa de mostrar a unidade na diversidade, e o reconhecimento das diferenças na comunhão. Afinal, ou a igreja é uma comunhão de pessoas com igual dignidade, ou é tudo menos igreja. No entanto, a igreja cristã atual, tanto protestante como católica, está muito distante de apresentar-se como uma fraternidade, já que está marcada pela hierarquização.

Assim, com a ênfase barthiana na comunidade cristã como acontecimento de vida comum no Espírito e de obediência a Palavra de Deus em Jesus Cristo é possível propor que as comunidades devem se constituir como lugar fraterno onde as pessoas, clérigas e não clérigas, por meio do exercício de seus carismas, contribuam umas com as outras. Não só porque é bom, mas porque é essencial, ou seja, sem isso a missão da igreja se torna impossível.

5. Conclusões

Diante de um mundo fragmentado que propõe cada vez mais o isolamento, que priva as pessoas da verdadeira humanização experimentada nos relacionamentos

²⁷ Cf. RIBEIRO, C. *op. cit.* p.152.

²⁸ MONDIN, B. *As novas ecclesiologias*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 52.

fraternos profundos, se faz necessário o resgate da igreja como comunidade de irmãos e irmãs. Igreja que se baseia na premissa de que Deus é comunhão e que quer homens e mulheres unidos como forma de corresponder ao seu amor.

Dito de outra maneira, urge o chamado para ser igreja, que não é qualquer chamado, mas é, antes de tudo, um chamado a viver a experiência da comunhão em Jesus Cristo por intermédio do Espírito. Assim, pode-se dizer que a igreja é chamada a ser *Communio*.

Conforme destaca Greshake, *Communio* remete, em primeiro lugar, à raiz *Mun*, que significa fortificação e *Moenia*, muralha. Ou seja, remete a pessoas que se encontram em comunhão e estão juntas por trás de uma fortificação comum, estão unidas pelo mesmo espaço vital. Esse espaço é demarcado e une as vidas dessas pessoas em comum de forma que uma depende da outra. Em segundo lugar (*com*)*munio* faz referência à raiz *mun* que é refletida na palavra latina *múnus*, que significa tarefa, serviço ou também graça, dom, recompensa. O que está em comunhão está obrigado a um serviço mútuo, mas de tal forma que este serviço é precedido de um dom de antemão, que se recebe para passá-lo a outro. Desta maneira o conceito de *communio* está implicado ao de doação. Por isso *communio* não é um conceito estático, mas dinâmico. Comunhão é o processo de realização da vida.²⁹ Nas palavras de Ana Maria Tepedino, “a Igreja é comunhão, mas que tem que ser visibilizada na dinâmica da construção histórica, tem que ir sendo comunhão.”³⁰

É justamente nessa direção que aponta a eclesiologia barthiana. Ao longo desse trabalho, foi possível perceber que Barth percorreu um árduo caminho até encontrar e apresentar a Igreja como comunidade viva do Senhor Jesus Cristo, capacitada pelo espírito Santo para atuar na história.

Portanto, conclui-se que a Igreja, como corpo vivo de Cristo, assume um papel fundamental na proclamação da Palavra Revelada, tendo a função de pregar e atestar a veracidade dessa revelação. No entanto, só consegue fazê-lo porque foi reunida por Cristo e iluminada pelo Espírito Santo por quem ela foi enviada ao mundo para prestar testemunho dele, o Senhor Ressuscitado e dizer que a aliança entre Deus e o homem constitui o significado último da História e que só é possível vive-la em comunidade.

²⁹ Cf. GRESHAKE, G. *El Dios Uno y Trino; una teologia de La trinidad*. Barcelona. Herder, 2001. p. 220-221.

³⁰ TEPEDINO, A. M. *Eclesiologia de comunhão: uma perspectiva*. In: Atualidade telógica. Revista do departamento de teologia da PUC-Rio, ano VI, 11, maio/agosto, 2002. p. 173.

Essa afirmação ganha destaque, porque a partir dela conclui-se que todos os membros da comunidade são igualmente consagrados. Ou seja, que o sacerdócio cristão não se fundamenta e se sustenta nos sacrifícios e oferendas, mas em uma vida entendida como entrega a Deus no compromisso concreto com a proposta de vida de Jesus de Nazaré, e por consequência em solidariedade com o próximo. Dito de outra maneira essa consagração capacita para a vida vivida como caminho de amor-serviço que, na lógica do Reino de Deus, desinstala e propõe uma abertura para o outro.

Sabe-se que esse caminho de doação e serviço que foi percorrido por Barth é um caminho que traz consigo inúmeros riscos, inclusive o da marginalização, mas que pode trazer esperança a homens e mulheres ainda hoje. Como escreveu Dom Hélder Câmara: “*Esperança sem riscos não é Esperança.*”

Arrisquemo-nos!

Referências bibliográficas

BARTH, K. *Comunidad civil y comunidad cristiana*. Montevideo: Ediciones Tauro S. R. L., 1967.

_____. *Credo: comentários ao credo apostólico*. São Paulo: Novo Século, 2003.

_____. *Dádiva e Louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

_____. *Esboço de uma dogmática*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

_____. *Fé em Busca de Compreensão*. São Paulo: Novo Século, 2000.

CORNU, D. *Karl Barth: Teólogo da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

GRENZ, S. J., OLSON, R. E. *A teologia do século 20. Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Cultura Cristã: 2003.

GRESHAKE, G. *El Dios Uno y Trino; uma teologia de La trinidad*. Barcelona. Herder, 2001.

MONDIN, B. *As novas ecclesiologias*. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *Os grandes Teólogos do Século XX*. São Paulo: Teológica, 2003

RIBEIRO, C. *A provisoriedade da igreja: Uma contribuição da eclesiologia de Karl Barth ao protestantismo brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

SANTANA FILHO, M. B. *Palavra de Deus e ação profética na teologia de Karl Barth: a renovação da Igreja a partir de sua vocação para o serviço à comunidade*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TEPEDINO, A. M. *Eclesiologia de comunhão: uma perspectiva*. In: *Atualidade telógica*. Revista do departamento de teologia da PUC-Rio, ano VI, 11, maio/agosto, 2002.